



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO
FACILITADOR DE APRENDIZAGEM**

PAULA LEON DE ABREU

**BRASÍLIA – DF
DEZEMBRO DE 2013**

PAULA LEON DE ABREU

**O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO
FACILITADOR DE APRENDIZAGEM**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

**BRASÍLIA - DF
DEZEMBRO DE 2013**

PAULA LEON DE ABREU

**O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO FACILITADOR
DE APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Professora Doutora Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (Membro)

Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Professora MsC Denise de Oliveira Alves

Universidade Católica de Brasília

AGRADECIMENTOS

Há tantas pessoas para agradecermos, que foram nosso amparo, nossa ajuda nos momentos difíceis, que nos incentivaram a continuar, a não desistir. A essas pessoas deixo meu amor e meu profundo agradecimento, pois sem elas isso não seria possível:

A Deus, que de forma maravilhosa abriu as portas que pudesse ingressar na Universidade de Brasília (UnB), que me sustentou nos momentos em que pensei em desistir e que com Sua misericórdia me ajudou a concluir minha formação.

À minha mãe, Leila, meu exemplo de força, persistência, fé e sucesso profissional.

Às minhas irmãs, Thais e Pilar, pelos conselhos nos momentos difíceis.

À meu amado marido, Janio, pelas orações, conselhos, companheirismo e por nunca ter me deixado desistir, mas principalmente por ser minha força nos momentos de fraqueza.

Aos amados irmãos da Igreja Cristã Maranata, pelas orações feitas por mim, onde obtive o sustento para continuar nessa jornada profissional.

Aos amigos que fiz na Faculdade de Educação, em especial Priscilla e Ellen, por acreditarmos na educação e fazermos dela a base da nossa amizade.

À Professora Carla Castro, pela comprovação, através de suas aulas, do que sempre achei possível: aprender brincando.

Às professoras Denise de Oliveira e Otília Dantas, que com dedicação separaram seu tempo para participar da banca deste trabalho, contribuindo para meu crescimento e aprendizagem.

À Professora Teresa Cristina, por seu infinito amor, carinho e respeito para com seus alunos e por sua alegria constante no tratar com a vida.

Aos profissionais da educação que acreditam no lúdico e se esforçam diariamente para proporcionar a seus alunos aulas mais divertidas.

As atividades lúdicas fazem parte da vida da criança. É através dessa relação já íntima com o brincar, que a aprendizagem será facilitada.

Piaget (1978)

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo identificar como o lúdico influencia no aprendizado, em especial nos alunos da Educação Infantil. O processo de aprendizagem faz parte do ser humano, e a criatividade faz com que aquele processo se desenvolva a partir de novos experimentos. Tem-se então, no lúdico, uma forma de estimular e transformar a assimilação do conhecimento em um processo prazeroso. A abordagem do lúdico na aprendizagem das crianças e os tipos de jogos e brincadeiras adotados pelos professores da Educação Infantil foi o tema investigativo desta pesquisa qualitativa alicerçada nos fundamentos de autores como Kishimoto, Santos, Piaget e Vygotsky. A pesquisa de cunho qualitativo, foi desenvolvida por meio de um questionário aplicado para quatro professores formados em Pedagogia e atuantes na Educação Infantil. Os resultados sinalizam para uma compreensão do lúdico como metodologia facilitadora e promotora de aprendizagens, e mais que isso, se trata de formas de práticas pedagógicas onde o aluno aprende se divertindo.

Palavras-chave: Lúdico; Aprendizagem; Educação Infantil.

ABSTRACT

This study has the objective of identifying how whimsical methods influence education, specially when it comes to Elementary Studies. The learning process is part of the human being, and creativity is responsible for developing this process through new experiments. Stimulating and assimilating knowledge through a whimsical process then becomes a fun task. This topic - utilizing creative, whimsical tools for teaching kids through games and other small challenges - was the focus of this qualitative research based on findings by authors like Kishimoto, Santos, Piaget e Vygotsky. The research was developed and applied through a questionnaire for Elementary teachers and professionals that act in this specific area. The results allow us to understand creative, whimsical teaching processes as a facilitating method of education that promote learning amongst young children through the one thing they enjoy the most: having fun.

Key words: Whimsy, Education, Elementary Studies.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
I – MEMORIAL EDUCATIVO.....	10
II - MONOGRAFIA	
INTRODUÇÃO.....	17
Capítulo 1. EDUCAÇÃO INFANTIL	
1.1 História	19
1.2 Legislação da Educação Brasileira – Marcos legais e políticos	22
Capítulo 2. O LÚDICO	
2.1 Lúdico: conceitos e teorias.....	26
2.2 O lúdico e o processo de aprendizagem.....	29
Capítulo 3. METODOLOGIA	
3.1 Método.....	31
3.2 Participantes.....	32
3.3 Instrumentos.....	33
3.4 Procedimentos.....	33
Capítulo 4. ANÁLISE DE DADOS	
4.1 Análise.....	34
Capítulo 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE.....	52
Apêndice 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	53

Apêndice 2 – Roteiro do Questionário.....	54
ANEXOS.....	56
Anexo A - Foto da atividade “Como são os animais?”.....	57
Anexo B - Foto da atividade “Onde vivem os animais?”.....	58
Anexo C - Foto do dia em que fui vestida de Minnie.....	59

APRESENTAÇÃO

O concernente trabalho de conclusão de curso encontra-se estruturado em três unidades interligadas: I – memorial educativo, II – monografia e III – perspectivas profissionais.

O memorial educativo diz respeito ao resgate da história de vida acadêmica da pesquisadora, com especial ênfase sobre o tema do lúdico ao longo de sua trajetória.

A segunda parte refere-se à monografia, propriamente dita sobre o tema: O Lúdico na Educação Infantil como facilitador de aprendizagem, com referencial teórico a respeito da educação e a ludicidade. O primeiro capítulo refere-se a Educação Infantil, com um breve contexto histórico e legislativo. O segundo capítulo refere-se ao lúdico e suas teorias e ainda há uma conexão teórica do mesmo com a aprendizagem. No terceiro capítulo vemos a metodologia, isso é, a forma como esse trabalho de conclusão de curso foi executado. O quarto capítulo refere-se a análise de dados da pesquisa e, por último as considerações finais concluindo dessa forma o trabalho investigativo.

A terceira parte reflete as futuras aspirações da vida profissional da pesquisadora após a conclusão do curso de Pedagogia.

MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci em 1989 na cidade de São Paulo, minha família era composta por meu pai, minha mãe e duas irmãs mais velhas. Morávamos em uma casa muito gostosa, não era grande e nem pequena, mas tinha tudo que uma criança precisava para ser feliz. Tínhamos piscina, churrasqueira, cachorro e até casinha de boneca. Entre eu e minha irmã mais velha há sete anos de diferença, então não costumávamos socializar muito, já entre eu e minha irmã do meio era apenas dois anos de diferença, o que nos aproximava mais, mas na verdade mais brigávamos do que brincávamos, pois somos o oposto uma da outra. Desde sempre ouvia meus pais e irmãs dizerem que eu era agitada, vivia cercada de amigos, vivia no mundo da lua, corria de um lado para o outro, sempre no quintal de casa brincando até minha mãe me mandar para a cama. Outro problema, eu não dormia nada. O dia a dia da minha família era bem regrado, almoçávamos, jantávamos todos sempre juntos, dia de semana não podíamos comer besteiras, fazíamos os deveres de casa com meus pais e minhas notas costumavam ser boas. Em 1996, aos sete anos de idade, meus pais optaram por me mandar para um tradicional acampamento de férias de São Paulo: o acampamento dos Pumas. Tinha apenas sete anos e passei dezoito dias naquele lugar, sendo que a regra primordial de lá era: nada de ligações, você não pode sequer levar seu celular. Ligações apenas para coisas sérias e urgentes. Eram brincadeiras malucas o dia todo e foi ali que me encontrei. Minha mãe costuma dizer que quando foi me buscar ela não me achava e aí ela me achou: no colo de um monitor chorando porque não queria ir embora de lá, era muito bom.

A família era muito unida e eu era extremamente apegada a casa e à minha cachorra, a Cookie. Em 1998, aos nove anos meus pais decidiram se separar e eu costumo dizer que não fiquei com traumas da separação em si, mas sim pelo fato de que com isso eu perdi o que mais amava: minha casa e minha cachorrinha. Aquela casa tinha um significado muito forte para mim, que aos nove anos não consegui entender. Já não era mais tão criança, já era quase uma adolescente quando meus pais se separaram e como vivia no mundo da lua, sempre brincando, acho que isso me ajudou a não reparar a situação que passávamos na época. Então nos mudamos para um prédio e uma escola nova. Tudo novo! Amigos, rotina, horários, mil adaptações. Sempre fui muito brincalhona, fazia amigos com facilidade e vivia na rua

até tarde inventando um monte de jogos novos e isso me ajudou a não ficar abalada com as tais mudanças. Resumidamente, após a separação dos meus pais, minha mãe mudou de emprego e começou a trabalhar muito mais que antes, a ponto de nunca nos vermos. Em menos de três meses, já no ano de 2000, nos mudamos para Salvador, através do emprego da minha mãe e dessa vez minha irmã mais velha optou por ficar com meu pai, morando em São Paulo.

Em Salvador foi a mesma coisa, novas adaptações. Essa foi uma época muito diferente, muito nova para mim. Estudamos no Colégio Antônio Vieira, que era muito grande e que eu gostava muito. Lembro-me de estranhar até os lanches da cantina, pois eram muito diferentes do que estava acostumada. Mudamos-nos para Salvador um pouco antes das férias de julho e pelo menos naquela época, o sistema de ensino era trocado. Algo como o que aprendíamos em São Paulo no começo do ano, eles veriam no final do ano. Isso me trouxe um prejuízo muito grande, pois perdi o conteúdo que teria que aprender e repeti o que já tinha estudado. Nessa época minhas notas começaram a cair, apesar de que me adaptei facilmente à cidade. Minha mãe não tinha tempo para nos ajudar com nossos estudos e então a partir daí comecei a “largar” os estudos.

Em menos de sete meses, entre 2000 e 2001, retornamos para São Paulo, onde moramos um tempo com o meu pai e estudamos no CONSA, Colégio Nossa Senhora Aparecida. Costumo dizer que essa foi a melhor época para mim, pois meu pai não ficava no pé tanto quanto minha mãe, então me sentia independente, pois eu que fazia meus horários. Juntamente com minha irmã, íamos a pé para o colégio, vivia brincando nas áreas de lazer do prédio, fiz muitos amigos, estava sempre na rua. Já no colégio a coisa não ia tão bem, não conseguia prestar atenção nas aulas, achava tudo muito difícil e até o que era fácil, tive preguiça de aprender. Lembro-me de ficar de recuperação final em Espanhol, algo que sabia que tinha acontecido por preguiça de estudar, pois meus avós são Uruguaios e portanto minhas notas sempre foram excelentes nessa matéria. Pela primeira vez me senti marcada por uma professora, que inclusive era professora de matemática. Ela não conseguia me fazer entender a matemática de forma alguma, mas ela tentava de inúmeras formas. Hoje entendo que ela usava do lúdico, mas infelizmente não colocava regras, apenas jogava para os alunos e eu que tinha tanta dificuldade, precisava de muito mais que isso. Um fato que me marcou nessa época foi quando meu pai me deu um livro

chamado “No mundo da Lua”, que como nunca gostei de leitura, acabei deixando de lado.

No ano de 2001, nos mudamos para Brasília, onde estudei no Colégio Presbiteriano Mackenzie. A adaptação na cidade foi muito difícil, pois estávamos acostumadas com pessoas mais humildes, que não tinham como alvo principal dinheiro e ambição. O ensino na escola não era tão difícil, mas ainda assim minhas notas não iam bem. Em 2002, menos de um ano depois, voltamos para São Paulo, onde estudei no Colégio Pueri Domus. Foi uma fase muito marcante, o colégio era grande, as aulas de artes eram de frente para um grande bosque que tinha vários pássaros e eu gostava muito. O colégio estimulava muito o lado cultural, amigável então era muito comum no final de semana ter encontros de bandas, apresentações de danças, a qual fiz parte de uma delas.

Em 2003 tivemos que voltar para Brasília, mas dessa vez minha irmã do meio também optou por morar com meu pai em São Paulo, então viemos para cá apenas eu e minha mãe. Voltei para o Colégio Presbiteriano Mackenzie, que agora estava com o ensino mais puxado, bem diferente do que me lembrava. Devido a meu desinteresse pelas matérias acabei reprovando o primeiro ano do Ensino Médio, onde refiz no próprio Mackenzie e passei a ser mais estudiosa, mas com o maior sofrimento. Um grande amigo me ajudava com os estudos, mas era sempre assim: meia hora de estudos, meia hora de diversão. Não conseguia prestar atenção ou me concentrar se ficasse mais que isso estudando. No ano de 2006 minha irmã do meio teve um grande problema de saúde, que ela enfrenta até hoje, então ela acabou voltando para Brasília. A situação dela era tão delicada que quase reprovei o ano novamente e minha mãe quase teve seu negócio falido. Foi uma fase bem difícil, mas me lembro de sentar com a minha irmã e montarmos quebra cabeças, de colocar jogos para ela sorrir. Era como se involuntariamente estivesse fazendo algo que iria aprender quando entrei na faculdade.

Sempre gostei muito da escola e sempre falava que não queria sair de lá, mas que não gostava de nenhuma matéria para ser professora. Foi no terceiro ano do Ensino Médio, através de aulas de orientação profissional que era ministrada por uma pedagoga formada pela UnB, que descobri a pedagogia e sua forma de trabalhar. A partir dali meu desejo era fazer Pedagogia na UnB.

Assim que me formei, em 2008, entrei para um cursinho de pré-vestibular, o Exatas. Fiquei apenas um semestre lá, onde consegui entrar pelo vestibular

tradicional no meio do ano. Minhas expectativas não eram grandes, apenas estava feliz de estar ali. No primeiro semestre fiz algumas matérias que me marcaram positivamente e negativamente, o que foi um choque para mim, pois haviam alguns professores bem tradicionais e nada tolerantes, o que achava estranho já que estávamos na Faculdade de Educação. A matéria que me marcou no primeiro semestre na UnB certamente foi a de Oficina Vivencial, pois sem saber, ela era a aula que hoje considero praticamente perfeita: muito carinho, muito diálogo, muitos jogos e brincadeiras, trabalhos, mas acima de tudo uma relação excelente de professor-aluno. Foi através da matéria de Educando com Necessidades Educacionais Especiais que descobri o que significava aquele livro que meu pai havia me dado. O tal livro “No mundo da lua” trata sobre o TDAH. Houve uma grande descoberta da minha vida através dessa matéria e da leitura do livro. Entendi meus fracassos, meus acertos e minhas dificuldades.

O segundo semestre foi um pouco perturbador, pois peguei matérias muito teóricas, com muitas leituras e eu tinha muita dificuldade com isso. A principal matéria que sofri para concluir com sucesso foi a de Pesquisa em Educação 1. Essa matéria era ofertada no segundo semestre, porém creio que o mais correto seria oferta-la mais pra frente, quando o aluno está mais próximo da monografia. Na época não tinha tanta maturidade para entender a seriedade do assunto, então fiz de forma sofrida.

O terceiro semestre foi um marco positivo e maravilhoso para mim. Na época tinha ouvido falar da classe hospitalar e me apaixonei pelo tema, queria trabalhar na área. Também peguei meu primeiro Projeto 3 e na hora da escolha, não tive dúvida: Lúdico! Ambas as matérias eram com a mesma professora, a super animada e maravilhosa professora Carla Castro. A primeira matéria tinha muitas leituras, eram temas sérios, mas por a Carla também ser da área do lúdico, as aulas eram sempre divertidas, com músicas, teatrinhos e leituras dinâmicas. Foi a primeira matéria que li com amor e prazer, apesar da dificuldade de sempre. Estava pronta para entrar nos hospitais e mudar todas as coisas, porém em uma aula a professora nos explicou que se um aluno da oitava série do Ensino Fundamental entrar no hospital e precisar de um ensino de matemática éramos nós que teríamos que ajudá-lo. Foi ali que desisti. Pensei que trabalharíamos apenas com as crianças da nossa formação (educação infantil e ensino fundamental) e matemática, para mim, até hoje é motivo de desespero. Foi muito triste essa decepção, pois de começo eu detestava

a tradicional área da Educação Infantil. Mas foi na aula do Lúdico que eu me encontrei! Que aulas! Ali toda minha vida fez sentido, eu que não tenho costume de participar das aulas, mas ali eu estava sempre falando, sempre lendo os textos, inventando brincadeiras. Aquilo era um prazer que eu nunca havia sentido em aula nenhuma e ali enfim entendi muitas coisas da minha vida, que muitos dos problemas que passei eu consegui superar graças a ludicidade na minha vida, ao estar sempre brincando, sempre animando.

No quarto semestre (1^o/2010) passei por alguns problemas pessoais e peguei apenas dezoito créditos, sendo um deles a famosa P.D (Prática Desportiva), que me ajudou a animar meu dia a dia e voltar disposta para o próximo semestre.

No quinto semestre (2^o/2010) peguei novamente a matéria do lúdico com a professora Carla, mas na sua metodologia ela dizia que mesmo sendo Projeto 3 era necessário irmos às escolas observar e administrarmos algumas aulas. Fiquei sabendo de uma escola ótima, o Jardim de Infância 21 de Abril. Fui muito bem recebida tanto pela coordenação quanto pela professora da turma, que foi um amor comigo. Durante minhas fases de observação ela sempre me incluía com os alunos, era sempre muito carinhosa e me ensinava tudo sobre funcionamento da escola. Suas aulas eram divertidas, os alunos gostavam muito dela e quando foi minha vez de dar aula ela me deixou muito a vontade. Nessa turma tinha um aluno autista e pude perceber que nas aulas mais alegres, com jogos educacionais, ele se soltava. Por essa razão, optei por dar aulas mais lúdicas possíveis e foi um marco para mim. Sai daquele estágio pronta para trabalhar com Educação Infantil. Nesse mesmo semestre fiz minha primeira matéria de LIBRAS e foi algo novo e muito satisfatório para mim. Me senti desejosa e com um frio na barriga de trabalhar com alunos surdos.

No sexto semestre (1^o/2011) já estava fazendo um Estágio remunerado na área de Educação à Distância pelo Senado Federal. Inicialmente não acreditava na EaD, pois achava que aulas online poderiam ser bem entediantes, porém como eu era tutora dos cursos e aquele era o meu trabalho, comecei a pesquisar dinâmicas para fazer em fóruns e mais uma vez me apaixonei por uma nova área da educação. Alcancei um prazer imenso ao trabalhar com EaD e acabei fazendo meu Projeto 4 na mesma área.

No sétimo (2^o/2011) semestre tive duas matérias bem diferentes e muito interessantes: Usos de TV/Vídeo na Escola e Fundamentos da Linguagem Musical na

Educação. Ambas as matérias tratavam de assuntos diferentes do cotidiano e gostei muito de debater os temas estudados. Na mesma época realizei meu Projeto 4, fase 2 em um Jardim de Infância que fica no final da asa sul. Diferentemente do meu primeiro estágio, a coordenação era bem desorganizada, eles cometiam vários erros como por exemplo quando esqueceram de avisar a Professora que eu ficaria na turma dela e por esse motivo não fui muito bem recebida no meu primeiro dia de aula. Porém, nesse estágio eu realmente tinha que elaborar as regências das aulas e executá-las. do que observar, mas a professora a frente da turma não me deixava dar aulas, ela dizia que era apenas para eu ensinar sobre frutas. Apesar de decepcionada com tudo daquela escola, havia algo que me motivava, era que na turma havia um aluno surdo e sempre tive curiosidade para trabalhar com esse tipo de necessidade especial. Enquanto a professora se ocupava com os demais alunos, eu me ocupava com ele e a maioria das minhas aulas era direcionada para ele. O lado bom desse estágio é que pude colocar em prática o que havia aprendido na aula de LIBRAS.

No meu oitavo semestre (1º/2012) tive vários problemas pessoais que afetaram meus estudos e meu desenvolvimento ao longo do semestre, ocasionando trancamento de algumas disciplinas.

O meu nono semestre que era para ter sido feito no segundo semestre de dois mil e doze acabou ficando para frente, pois tranquei a faculdade devido a problemas pessoais.

No primeiro semestre de dois mil e treze comecei meu nono semestre e tive a oportunidade de participar de três disciplinas com temáticas bem diferentes, sendo elas Fundamentos da Arte na Educação, Computadores na Educação e por fim Seminário Final de curso. A primeira matéria era bem divertida, tínhamos a parte teórica e a parte prática, que era a minha favorita. Literalmente colocávamos a mão na massa, pintando, desenhando e criando. Essa matéria foi ótima para incentivar minha criatividade diante das aulas que um dia darei a meus alunos. A segunda matéria era excelente, falava de recursos tecnológicos para educação e em todo o tempo as aulas estavam ligadas com meu tema favorito: o lúdico. Foram aulas muito gostosas, divertidas e onde participei bastante das discussões. A última matéria, a de Seminário, foi um pouco difícil para concluir. Tenho extrema dificuldade com teoria, então para mim foi um sofrimento poder terminar meu pré-projeto, mas graças a professora Sinara tudo deu certo. Quem dera que tivéssemos mais professores como ela!

No meu décimo e último semestre, posso dizer que ao olhar para trás, minha vida sempre me levou para a ludicidade. Sempre gostei das aulas mais interativas, de jogos, meus amigos eram mais ativos nesse sentido, os professores que me marcaram tinham essas características, e até as aulas que dei eram dessa forma. O lúdico para mim não é apenas uma brincadeira, é algo que levo a sério, algo como um modo de vida, onde enfrentei muitas dificuldades usando-o como recurso para superação. Posso dizer que outro fator que me influenciou muito para que tenha todo esse carinho e essa fé na ludicidade é o Acampamento dos Pumas, que até hoje fui seis vezes como acampante e pretendo ir outras vezes como monitora. Sempre gostei de lá, pois as brincadeiras ensinavam coisas básicas do dia a dia: orar antes de comer, ou jogos de sobrevivência que nos obrigava a dividir os alimentos igualmente entre todos, ou saber perder e saber ganhar. Eram coisas básicas, mas que tinham um potencial imenso.

Por fim, concluo dizendo que desde pequena o lúdico esteve na minha vida, ele sempre me inspirou, tive contato desde pequena com as brincadeiras, com professores que davam as famosas “aulas divertidas”, ao fazer os estágios pude oferecer a meus alunos às mesmas oportunidades, saindo da sala de aula e indo pesquisar o real, como em uma aula de animais, onde levei meus alunos para observar as cigarras nas árvores e as formigas em suas casinhas. Hoje enxergo a ludicidade como uma filosofia de vida e pretendo levar adiante como pedagoga formada pela Universidade de Brasília.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo dessa pesquisa é investigar a influência do lúdico no processo de ensinar e aprender, na perspectiva dos professores de Educação Infantil.

A escolha por esse tema justifica-se pelas experiências vividas ao longo de minha vida pessoal e também nas vivências que presenciei quando fiz meus estágios em escolas de Educação Infantil, onde tive contato com materiais lúdicos pedagógicos e com oficinas educativas. A escolha deu-se, também, por um interesse por essa problemática, pois o lado lúdico educacional sempre chamou minha atenção. Por essa razão escolheu-se como principais autores a serem citados nessa pesquisa autores com profunda pesquisa na área da educação e psicologia da criança, como Piaget, Vygotsky e Kishimoto.

Toda criança sabe brincar, é uma atividade essencial do ser humano, por isso ele deve fazer parte da aprendizagem, para além da hora do lazer. O lúdico permite à criança a resolução de conflitos internos e a garantia da construção do conhecimento e do desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Para Piaget (1978), as atividades lúdicas fazem parte da vida da criança. É através dessa relação íntima com o brincar, que a aprendizagem será facilitada. Infere-se que o brincar, no contexto educacional, proporciona não somente um meio real de aprendizagem, como também permite que os educadores possam aprender sobre as crianças e suas necessidades.

Segundo Bertoldo e Fuschel (1995), o ato de brincar é importante, é terapêutico, é prazeroso, e o prazer é ponto fundamental da essência do equilíbrio humano. Podemos dizer que a ludicidade é uma necessidade fundamental da essência do equilíbrio humano, além de ser uma necessidade interior, tanto da criança quanto do adulto. Por essa razão, o lúdico deve ser levado a sério dentro do cotidiano escolar, pois faz-se importante conhecer a sua função no desenvolvimento infantil, uma vez que não se tem aí somente meras brincadeiras que educam e formam o sujeito, acompanhando a evolução física e mental deste e contribuindo para o seu amadurecimento, mas sim, a utilização, de maneira mais adequada, de tudo aquilo que torna o lúdico algo prazeroso e complexo, e que não pode ser definido simplesmente como o ato de “brincar”.

De acordo com o delineamento traçado na pesquisa, foram estabelecidos os seguintes objetivos de estudo a ser realizado, sendo que os tais nortearam a metodologia e os procedimentos da pesquisa. Sendo o objetivo geral o de analisar a influência do lúdico nas práticas pedagógicas para crianças de 0 a 5 anos como promotora de aprendizagem na perspectiva dos professores. Os objetivos específicos foram os de identificar os jogos/brincadeiras utilizados pelos professores na educação infantil, verificar a importância do jogo/brincadeira na aprendizagem da criança e contextualizar a educação infantil.

A metodologia escolhida para esse trabalho foi a descritiva, utilizando o questionário como coleta de dados.

Desta forma, a intenção deste trabalho final de curso é mostrar o lúdico como recurso pedagógico no desenvolvimento da aprendizagem de alunos da Educação Infantil. Sendo assim, o profissional da educação, de um modo geral, poderá rever sua práxis pedagógica ao utilizar jogos e brincadeiras no contexto escolar, sempre valorizando as habilidades e a individualidade de seus alunos.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 – História

Quando falamos de infância, nos referimos a um conceito muito atual, e por isso, para que possamos explicar como chegamos até ele, é preciso que expliquemos todo o caminho que foi percorrido. Por essa razão, optou-se por adotar as informações contidas no livro História da criança e da família de Philippe Ariès (1978). O livro baseia-se, em parte, na história da criança e da família através da arte, mais especificadamente, das pinturas. Por essa razão, algumas partes do histórico aqui tratado se referirão às obras de arte da época.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representa-la. Naquela época a criança era retratada e tratada como um pequeno adulto, e embora exibisse mais sentimento ao retratar a infância, o século XII continuou fiel a esse procedimento. Os homens dos séculos X e XI não tinham interesse pela imagem da infância, para eles essa era apenas uma fase de transição, onde brevemente ela se tornaria um pequeno adulto, sem muita afeição.

É por volta do século XII que surgem algumas pinturas que retratam tipos de crianças um pouco mais próximas do sentimento moderno. Dessa vez podíamos observar que ao invés de pequenos adultos, as pinturas mostravam algo como pequenos “adolescentes” (a fase após a infância). Essas crianças adolescentes tinham a idade correspondente para serem educadas para ajudar à missa. Passamos então para o tipo de criança que seria o modelo e ancestral de todas as crianças pequenas da história da arte: o menino Jesus, ou a Virgem Maria menina, pois a infância aqui se ligava a maternidade da Virgem. Vemos então o foco da infância passar pelo mistério que envolvia a maternidade da Virgem e ao culto de Maria, e com isso a tenra infância ingressou no mundo das representações. Durante os séculos XIV e XV vemos esses tipos medievais evoluírem, era possível a partir de então observar pinturas onde Jesus era sublinhado com aspectos graciosos, ternos e ingênuos da primeira infância, onde ela procurava o seio da mãe ou brincava com os brinquedos tradicionais.

Por volta dos séculos XV e XVI podemos ver que ainda não existia a representação da criança sozinha, mas ela havia se tornado um dos personagens mais frequentes das pinturas, era retratada a criança em várias situações e circunstâncias. Portanto, a criança acabou se tornando um tema frequente e antigo, que remontava ao séculos XIV e que não mais deixaria de inspirar as cenas de gênero até o século XIX. Ainda no século XVII, as crianças eram consideradas como sem movimento na alma e nem forma reconhecível no corpo. Em tempos passados a criança era considerada como uma perda inevitável, pois não existiam cuidados com a saúde e tampouco com a higiene, mas é a partir do século XVIII que a ideia de que a criança poderia ser descartada desaparece. Podemos notar a importância do século XVII na evolução dos temas da primeira infância.

Conforme vimos, Ariès (1978) nos mostra que a criança era considerada um adulto em miniatura e que não havia distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil, isso é, ao ter condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou sua ama, a criança ingressava na sociedade de adultos.

O outro momento importante da história da infância é o surgimento da escola, da educação desses pequenos adultos. Ao longo da Idade Média era comum as classes terem alunos de idades variadas, pois para eles o importante era a matéria a ser ensinada, qualquer que fosse a idade dos alunos. Segundo Ariès (1978), o espaço físico da escola ainda não existia, inicialmente os mestres alugavam salas que ficavam em uma mesma rua, mas que apesar de estarem no mesmo local elas eram independentes umas das outras. Ali ele montava sua sala de aula, forrava o chão com palha e então esperava por seus alunos, como o comerciante espera por fregueses.

No século XIII ainda não se ensinava em colégios, mas é a partir do século XV que as pequenas comunidades democráticas tornam-se institutos de ensino e a população é ensinada no local. Do século XV ao XVII o modelo de colégio passa a ser baseado em uma das grandes instituições, os colégios jesuítas. Vê-se então a introdução do ensino das artes e da presença da hierarquia autoritária. O estabelecimento definitivo dessa regra da disciplina completou a evolução que conduziu da escola medieval, simples sala de aula, ao colégio moderno, instituição complexa, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento da juventude. Segundo o autor, a partir desse momento o colégio torna-se um instrumento para a educação da infância e da juventude em geral. No século XV e XVI, o colégio

amplia seu recrutamento para um número crescente de leigos, nobres e burgueses, além das famílias mais populares. É a partir daí que vemos ele se tornar uma instituição essencial da sociedade: o colégio com um corpo docente separado, com uma disciplina rigorosa e com classes numerosas.

A origem das classes escolares vem desde o início do século XV, quando se começou a dividir a população escolar em grupos de mesma capacidade intelectual e de aprendizagem, que eram colocados sob a direção de um mesmo mestre, num único local. Mais tarde, ao longo do século XV, passa-se a designar um professor especial para cada um desses grupos, que continuaram a ser mantidos, porém, num local comum. No início do século XIX, os mestres se habituaram então a compor suas classes em função da idade dos alunos. As idades outrora confundidas e misturadas começaram a se separar na medida em que coincidiam com as classes, pois desde o fim do século XVI a classe havia sido reconhecida como uma unidade estrutural.

Passamos então a falar da educação no Brasil, onde os dados aqui fornecidos foram retirados do site Educar para Crescer da editora abril. A educação no nosso País se iniciou desde os tempos da chegada dos Portugueses, que trouxeram um modelo de educação europeu, o que não quer dizer que as populações que por aqui viviam já não possuíam características próprias de se fazer educação. Naquela época a educação era dada pelos jesuítas, que tinham como principal objetivo o ensino religioso. Esse tipo de ensino permaneceu por duzentos e dez anos, ocorrendo uma grande mudança com a chegada da Família Real. Para preparar terreno para sua estadia no Brasil D. João VI abriu Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e, sua iniciativa mais marcante em termos de mudança, a Imprensa Régia. Porém, a educação ainda era algo secundário, pois se nota que enquanto em outros Países já existiam grandes universidades, no Brasil a primeira fora criada apenas em 1934.

O sentimento de infância nasce no Brasil no século XX, com a necessidade da instrução e da ampliação das escolas para atender o avanço social da época. No início, o atendimento à infância foi marcado pelo assistencialismo e amparo às crianças necessitadas, com o objetivo de diminuir a mortalidade infantil, atendendo apenas as crianças da elite. Com a Proclamação da República o governo reforma o ensino primário e normal, organizando uma rede de escolas normais e complementares. Em 1985, a Escola Normal de São Paulo ganha o primeiro jardim

de infância do Brasil. Antes disso, as crianças ficavam em casa até completarem 7 anos e irem as escolas. É em 1920 que a discussão sobre a importância da educação para desenvolvimento do País ganha força. Essa discussão coincide com o surgimento da Nova Escola, que defende a adoção de novos métodos e a reforma dos currículos escolares, onde o conhecimento deve ser mais interessante e estar mais próximo da realidade dos alunos.

É a partir da década de 70, que é criado um modelo voltado para a camada menos favorecida, onde a educação infantil passou a fazer parte da educação básica nacional, sendo motivo de preocupação dos órgãos que legislam sobre essa área, e que, por sua vez, determinaram ser dever do Estado disponibilizar a educação ao infante, e a garantia de atendimentos em creches e pré-escolar para crianças de zero a seis anos, sendo essa o grande marco na história da educação brasileira.

Como pudemos ver, a Educação Infantil passou a ter a devida atenção muito recentemente, portanto ainda há muitas mudanças, muito aperfeiçoamento e muita história a ser escrita sobre essa área tão importante da educação.

1.2 – Legislação da Educação Brasileira – Marcos legais e políticos

As experiências vivenciadas durante o ensino no ambiente educacional são fundamentais para formação do ser humano. É ali que a criança aprenderá conteúdos importantes, mas principalmente o código de ética necessário para viver e conviver ao longo dos anos. Portanto, é essencial que a criança passe pela escola, tenha acesso ao ensino e ao convívio anteriormente citado.

A educação é um direito de toda criança, e a garantia a esse ensino encontra-se assegurado na Constituição Federal (CF) da República Federativa do Brasil de 1988, no capítulo IV do art. 208, reescrito e editado pela Emenda Constitucional (EC) de nº 53, de 19 de dezembro de 2006, da, nos seguintes termos:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

A Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também reafirma de que o direito à educação é de toda criança. O art. 53 da mesma lei nos afirma ainda mais, nos seguintes termos:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

A LDB de 1996 inseriu a educação infantil na educação básica como sua primeira etapa de formação – uma forma de reconhecer que a educação tem início nos primeiros anos de vida é essencial para o cumprimento de sua finalidade, conforme o art. 22 do referido ditame, nos seguintes termos:

Art. 22 – A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidade e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores.

Várias pesquisas realizadas nos anos de 1980 mostravam que os seis primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento humano, e a formação da inteligência e da personalidade, entretanto, até 1988, a criança brasileira com menos de 7 anos de idade não tinha direito à Educação. Graça as mudanças na legislação brasileira, esse direito foi garantido a criança.

O mundo e o ser humano estão em constante processo de transformação, e por consequência, a educação também. Como vimos no capítulo anterior, a história da criança e da família passou por diversas mudanças e isso afetou a forma como a educação era aplicada e tratada. A escola tradicional deixou seu tradicionalismo de lado e abriu portas para uma pedagogia onde o aluno é o centro, onde sua opinião é importante. No final do século XX, o fenômeno da globalização deu novo impulso à ideia de uma educação igual para todos. A internet passou a ser parte constante do dia a dia de toda família, e a escola não poderia ficar para trás nesse avanço.

A educação infantil possui grande influência no desenvolvimento da criança, pois é nessa fase que as bases do ser humano começam a se estruturar. O destaque dado à educação infantil era inexistente nas legislações anteriores e, por essa razão, ela não poderia mais ser “deixada de lado”. Como vimos anteriormente, a Constituição atual reconheceu, pela primeira vez, no artigo 208, a Educação Infantil como um direito da criança, opção da família e dever do Estado. A partir daí, a Educação Infantil no Brasil deixou de estar vinculada somente à política de assistência social passando então a integrar a política nacional de educação. Na atual LDB, a temática é tratada na seção II, do capítulo II do art. 29, nos seguintes termos:

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

At. 30 A educação infantil será oferecida em:

I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II – pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31 Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Ainda na LDB, no artigo 4º, inciso IV, vemos que ele assegura

a educação escolar pública com atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade. Vemos esses aspectos nos seguintes termos:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante garantia de:

IV – atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade;

Nesse aspecto a LDB merece elogio, já que estendeu a garantia da gratuidade para as creches e pré-escolas, pois a Constituição no seu artigo 208, inciso IV, prevê apenas o atendimento em creche e pré-escola às crianças daquela idade, silenciando quanto à gratuidade. Nesse sentido, vimos que a atual Constituição Federal e a legislação brasileira são generalistas no aspecto relacionado à educação, e em particular, a Educação Infantil. Vemos que a Educação Infantil começou com sentido de dar assistência e infelizmente ainda encontra-se presa a essa terminologia. Entretanto, é necessário que a sociedade se mobilize cada vez mais no sentido de tornar a legislação mais efetiva, permitindo, finalmente, que a educação seja um verdadeiro e eficaz instrumento de justiça e inclusão social.

CAPÍTULO 2

O LÚDICO

2.1 – Lúdico - Conceitos e teorias

O significado da palavra lúdico é definido por Michaelis (2012) como “que se refere a jogos ou brinquedos”. Neste sentido estão incluídos além dos jogos brinquedos, os divertimentos e é relativo também à conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte. Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo.

Dessa forma, segundo Santos (2010), estaríamos presos ao conceito de que lúdico é apenas o jogo, porém, todo ser humano sabe o que é brincar, como se brinca e por que se brinca, mas a grande dificuldade é formular um conceito claro sobre o lúdico. Podemos dizer que é impossível teorizar sobre ele usando somente a razão, pois seu conceito é sentido pela emoção, mais vivido e menos teorizado.

Quando falamos do lúdico estamos nos referindo a algo muito mais profundo que o significado atribuído a ele, e talvez por isso alguns teóricos acreditam que o brincar não se define com palavras, pois se trata de atividades que tem origem na emoção. Vemos que outros definem o brincar como uma atividade espontânea, natural e descomprometida de resultados. Ainda há aqueles que diferenciam o brincar do jogar, colocando que o brincar é uma atividade espontânea e sem regras e o jogar se caracteriza pelo cumprimento das regras (SANTOS, 2010).

É através do brincar, que a criança terá condições de construir sua identidade, socializar-se, enquanto parte integrante de um grupo, conhecer e reconhecer-se, amar e ser amada. O brincar é um ato cultural e para que o brinquedo exista é preciso que um grupo da sociedade lhe dê sentido e significado. Segundo Santos (2010, p.13):

O brinquedo é um objeto material que carrega em seu contexto questões de ordem: educacional, porque o brinquedo educa; pessoal, porque a ação de brincar deixa sua marca na vida das pessoas; social, porque ele é o “presente” destinado à criança e, por isso, tornou-se uma atividade ritualizada entre pais e familiares; psicológica, porque, no brincar, as pessoas se revelam como são; filosófica, porque a

atividade lúdica faz pensar, refletir e questionar sobre a origem das coisas; mística, porque o brincar tem um caráter mágico; histórica, porque através dos brinquedos pode-se descobrir o modo de brincar das crianças em épocas distantes; econômica, porque é um dos produtos mais vendidos no mundo. Tudo isso confere ao brinquedo um valor cultural.

Estamos falando, por exemplo, de que ele pode se tornar um porto seguro, um papel fundamental na constituição prazerosa do ensino. Uma vez que o brincar é uma atividade fundamental para crianças pequenas e que, segundo Piaget (1978), “brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades”, é brincando que elas desvendam o mundo, se comunicam e se inserem em um contexto social. A brincadeira, seja ela qual for, é algo de suma importância na infância. Pelos pais, ela deve ser vista não apenas como um momento de entretenimento e lazer de seus filhos, mas também como uma oportunidade de desenvolver nas crianças hábitos e atitudes que os façam amadurecer se tornando responsáveis.

Vygotsky (1998) partiu do princípio que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Sendo assim, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito, rompendo com a visão tradicional de que esta é uma atividade natural de satisfação de instintos infantis. O mesmo autor ainda se refere à brincadeira como uma maneira de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A capacidade para imaginar, fazer planos, apropriar-se de novos conhecimentos, surge, nas crianças, através do brincar. A criança, por intermédio da brincadeira, das atividades lúdicas, atua, mesmo que simbolicamente, nas diferentes situações vividas pelo ser humano, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes, podendo, assim, preparar-se para a vida e seus diversos desafios, sem ter diretamente vivenciado as situações em si.

Santos (2010) propõe que a ludicidade seja uma necessidade da criança, mas para que ela se desenvolva integralmente é preciso que o brincar seja livre, o que não significa que o educador não precise planejar, acompanhar, observar e avaliar essa atividade. Há uma confusão por parte da escola quando se trata do

brincar livremente, pois muitos educadores entendem que se a brincadeira for intencional, a criança não é livre para brincar, quando na verdade é ele (o educador) que não fica livre no momento do jogo proposto pela criança.

Para que o jogo possa desempenhar a função educativa é necessário que este seja pensado e planejado dentro da sistematização do ensino. Caso contrário, a escola desvirtua o ato de ensinar e, em relação ao brincar, estará fazendo o papel de qualquer outra instituição, como o clube ou até mesmo a casa dos amigos, onde as crianças reúnem-se apenas para brincar.

2.2– O lúdico e o processo de aprendizagem

O lúdico é um ato indispensável à saúde física, emocional e intelectual da criança. Ele sempre esteve presente desde os mais remotos tempos. Através dele, as crianças desenvolvem a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a autoestima, preparando-se para ser um cidadão capaz de enfrentar desafios e participar na construção de uma sociedade equilibrada.

Segundo Piaget (1978), o desenvolvimento do jogo está ligado aos processos puramente individuais e de símbolos inerentes à estrutura mental da criança e que só por ela podem ser explicados. Assim como no desenvolvimento infantil, o autor analisa o desenvolvimento do jogo de forma espontânea, ou seja, conforme se organizam as novas formas de estrutura, surgem novas modificações nos jogos que, por sua vez, vão se integrando ao desenvolvimento do sujeito por intermédio de um processo denominado assimilação.

Nas escolas mais tradicionais, o lúdico só aparece nas horas reservadas para os esportes e a relação entre as crianças não é utilizada para a aprendizagem, porém a utilização dos jogos auxilia na aprendizagem e fixação do conteúdo. Para Piaget (1975), o jogo é um meio poderoso para a aprendizagem tanto da leitura como do cálculo ou da ortografia. Na educação infantil, vemos que o jogo, nas suas diversas formas, auxilia no processo de ensinar e aprender, tanto no desenvolvimento psicomotor, isto é, no desenvolvimento da motricidade fina e ampla, bem como no desenvolvimento de habilidades do pensamento, como a imaginação, a interpretação, a tomada de decisão, a criatividade, o levantamento de hipóteses, a obtenção e organização de dados e a aplicação dos fatos e dos

princípios a novas situações que, por sua vez, acontecem quando jogamos, quando obedecemos a regras, quando vivenciamos conflitos numa competição, etc. (CAMPOS, 2013)

O jogo causa na criança um sentimento de motivação quanto a inteligência, pois ela quer se sair bem, ela quer ganhar, isso gera nela um esforço para superar obstáculos cognitivos e emocionais. Por isso o jogo não pode ser visto apenas como uma diversão, pois há nele fins pedagógicos e que fazem a criança desenvolver o cognitivo, físico e emocional. Para que o brincar venha efetivamente facilitar a aprendizagem é preciso preparação por parte do professor, pois o brinquedo isolado, sem regras nada mais é do que um brinquedo. Para Kishimoto (1998), as brincadeiras permitem que a criança desenvolva capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação, além de favorecer a socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.

Vygotsky (1998) desenvolve sua teoria e afirma que a aprendizagem acontece em dois níveis: nível de desenvolvimento real (o que a criança já é capaz de realizar por si própria, sem ajuda do outro) e o nível de desenvolvimento potencial (aquilo que ela realiza com o auxílio de outra pessoa). cremos que os jogos são instrumentos que devem ser explorados na escola como um recurso pedagógico, pois além de desenvolver regras de comportamento, o jogo atua na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, a criança consegue realizações numa situação de jogo, as quais ainda não é capaz de realizar numa situação de aprendizagem formal, pois o aluno não constrói significados a partir dos conteúdos de aprendizagem sozinhos, mas, em uma situação interativa, na qual os professores têm um papel essencial, já que qualquer coisa que façam ou deixem de fazer é determinante para que o aluno aprenda ou não de forma significativa. As atividades lúdicas são essenciais e é nelas que ocorrem as experiências inteligentes e reflexivas se, a partir deste processo, produz-se o conhecimento. O mesmo autor ainda salienta com muita clareza esse processo ao afirmar que a mudança de uma criança de um estágio de desenvolvimento para outro dependerá das necessidades que a criança apresenta e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, sendo que a criança satisfaz certas necessidades no brinquedo.

Para Kishimoto (2003), o trabalho pedagógico poderá utilizar os jogos educativos como recurso didático-pedagógico, promovendo a aprendizagem e

desenvolvendo todas as potencialidades e habilidades nos alunos. Porém, o jogo deve ser praticado de uma forma construtiva e não como uma série de atividades sem sentido, tendo como objetivos o desenvolvimento de capacidades físicas e intelectuais, não esquecendo a importância da socialização. Sendo assim, o ambiente escolar é o lugar onde a ação pedagógica desencadeia o processo de ensino aprendizagem, através da mediação do professor como agente que irá auxiliar na zona de desenvolvimento proximal do aluno.

Segundo Santos (1997):

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os precoces de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Nota-se, portanto, a importância do lúdico no desenvolvimento da criança da educação infantil, uma vez que, além do surgimento da identidade, autoestima e das aprendizagens relativas as interações com o meio, é também durante este período que se dá um maior desenvolvimento cognitivo da criança, resultando em um maior crescimento e desenvolvimento do cérebro humano.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

3.1 - Método

Para iniciar um trabalho de conclusão de curso é preciso organizar um projeto de pesquisa, estabelecer critérios e definir um modo de investigação para alcançar com sucesso o objetivo do estudo. Essa tarefa não é fácil, pois é preciso saber lidar com as adversidades que todo estudo está sujeito. Dessa forma, é preciso eleger o método mais adequado para alcançar os objetivos pré-estabelecidos e optar pela melhor ferramenta de construção de informações. Sendo assim, nesse capítulo será apresentado o método científico que foi utilizado no desenvolvimento da pesquisa. Todo trabalho científico deve estar fundamentado em métodos para que seus objetivos sejam alcançados e seus resultados sejam aceitos pela comunidade acadêmica. Dessa forma, é necessário que a questão da pesquisa, os métodos e técnicas utilizados, o delineamento da pesquisa, as definições constitutivas e operacionais das categorias de análise, a coleta de dados e a forma de análise e as limitações da pesquisa fiquem esclarecidos.

Nesse processo, é importante que o pesquisador considere alguns fatores que podem interferir nos dados, como local de pesquisa, peculiaridades do contexto, sujeitos envolvidos, confiança e liberdade estabelecida entre os participantes da pesquisa, diálogo e o cuidado que o pesquisador deve ter para conquistar as informações necessárias de forma completa e satisfatória. Somente depois de pensar e avaliar todos esses quesitos deve-se escolher os instrumentos de investigação que podem orientar a pesquisa e a posterior análise da realidade pesquisada.

Segundo Gil (2008, p.26), o método pode ser entendido como o curso percorrido para se chegar a um fim, sendo o método científico entendido como “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para se atingir o conhecimento”. Dessa forma, este capítulo descreve a metodologia utilizada durante o curso da pesquisa aqui apresentada.

Para o desenvolvimento do trabalho monográfico, utilizaram-se estratégias que possibilitam a realização do método caracterizado como qualitativo, onde

entende-se os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e busca a interpretação do objeto em termos do seu significado. Segundo Richardson (1999), os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais.

Para esta pesquisa, optou-se pelo uso da Pesquisa Descritiva que, para Gil (1986), têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, ainda, o estabelecimento de relações entre as variáveis. Isso é, nesse tipo de pesquisa busca-se numerar e ordenar dados, mas sem a necessidade de comprovar hipóteses.

O procedimento de coleta de dados deu-se por meio de um questionário de quatro perguntas entregues a dez professores formados em Pedagogia e atuantes na Educação Infantil, porém somente quatro responderam ao material de coleta de dados.

3.2– Participantes

Para a realização da pesquisa, foram consultados três professoras do sexo feminino e um professor do sexo masculino, formados em Pedagogia e com prática docente na Educação Infantil. Identificou-se que todos possuem experiências com o lúdico em sua prática escolar. Em relação à idade dos participantes, houve uma variação na faixa etária identificada – todos tinham entre 23 a 30 anos. Quanto ao tempo de experiência com a Educação Infantil, houve uma variação desde um ano até seis anos. Dos quatro professores, três trabalham em escola privada e apenas uma em escola pública. Para a análise dos dados foram utilizados quatro questionários, uma vez que os demais não responderam.

3.3– Instrumentos

Como instrumento de pesquisa para coleta de informações, utilizou-se o questionário. Segundo Gil (2008, p.121),

É uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado.

Utilizou-se do questionário de auto aplicação, que segundo Mucchielli (1979), é quando o sujeito fica só diante do questionário para reponde-lo, sem a presença do pesquisador. O questionário de pesquisa foi entregue para os professores e solicitado o prazo de três dias para devolução. O mesmo disponibilizou questões sobre o perfil dos entrevistados, como sexo, idade, formação e tempo de atuação, característica da escola, além de questões abertas, direcionadas para identificar qual a percepção dos participantes acerca da utilização e aplicação do lúdico no cotidiano escolar. Outra questão levantada foi acerca da influencia da ludicidade no processo de ensino aprendizagem.

Após a coleta dos dados, estes foram tabulados e apresentados em forma de tabelas e figuras, e em seguida, analisados.

3.4– Procedimentos

Os questionários foram entregues aos professores no mês de novembro de 2013, estipulando-se prazo de três dias para que pudessem responder e devolver os mesmos. Em nenhum momento o pesquisador participou do preenchimento de alguma pergunta e não houve, por parte dos participantes, dúvidas em relação às perguntas e ao preenchimento destes. Dos dez questionários entregues foram devolvidos apenas quatro.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DE DADOS

4.1 – Análise

No processo de construção do conhecimento não se pode ficar restrito apenas a um único momento de reflexão, por isso, a análise dos dados da pesquisa não acontece apenas neste capítulo, mas encontra-se contemplado no delineamento de todo o estudo de investigação e levantamento do referencial teórico. As análises que serão apresentadas não se configuram como verdades absolutas, mas sim, como novas construções e reconstruções significativas para o campo da ludicidade.

A análise dos dados aqui empreendida tem por objetivo identificar, sob perspectiva dos professores, como a utilização da metodologia lúdica influencia no processo de ensino aprendizagem dos alunos de educação infantil e qual a importância da mesma para as crianças dessa faixa etária.

A tabela a seguir (Tabela 1) foi elaborada a partir da primeira questão do questionário: “O que é lúdico para você?”. Os participantes tiveram liberdade para expressar sua opinião e a partir daí foram elaboradas três classes que abrangessem tudo aquilo que foi expresso por eles, a saber: processo de aprendizagem, aspectos lúdicos e interação com os outros.

Tabela 1 – Categoria 1 – Compreensão do lúdico para os Professores

CLASSES	RESPOSTAS	OCORRÊNCIAS
Processo de aprendizagem	Aprendizado leve e descontraído Processo de aprendizado Educativo Ensinar	7
Aspectos lúdicos	Brincar Criar Conhecimento Imaginar Jogos Músicas	7
Interação com os outros	Interação com os outros	2

A primeira classe que mais se destaca nesta categoria é relacionada ao processo de aprendizagem. Os participantes identificaram o lúdico, em sua maioria, como processo de aprendizagem, o que nos mostra que o mesmo tem importância fundamental no ensino. A utilização do lúdico como metodologia de ensino e aprendizagem no ambiente escolar atualmente já é uma tendência que, segundo Santos (2010), busca nas atividades lúdicas uma forma de planejar atividades escolares que motivem os alunos para a construção do conhecimento, conhecida como ludoeducação.

De acordo com Oliveira (1995, p. 36), no brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades na vida real e também aprende; objeto e significado. A função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo. Através do brinquedo a criança instiga a sua imaginação, adquire sociabilidade, experimenta novas sensações, começa a conhecer o mundo, trava desafios e busca satisfazer sua curiosidade de tudo conhecer. O brincar se torna parte do processo de aprendizagem do aluno da Educação Infantil a partir do momento em que ele ajuda a criança a desenvolver tais características. Para Friedmann, (1996, p. 41):

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo.

Desta forma, existe uma relação entre o jogo lúdico e a educação de crianças que favorece o ensino de conteúdos escolares e que funciona como recurso para motivação no ensino às necessidades do educando. Os jogos lúdicos oferecem condições do educando vivenciar situações-problemas, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança uma vivência no tocante às experiências com a lógica e o raciocínio e permitindo atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas.

Destaca-se a fala de um dos participantes da pesquisa quando ele coloca que:

O número de ocorrências, não corresponde necessariamente ao número de participantes, pois cada participante pode ofertar mais de uma resposta.

P2 – E afirmo que, quando estão brincando, eles aprendem melhor qualquer conteúdo, pois foge do padrão da “educação bancária”.

A educação bancária refere-se a um termo dado por Paulo Freire ao tradicionalismo presente nas escolas, onde o professor depositava seu conhecimento em um aluno desprovido de seus próprios pensamentos. A forma que a afirmação é dada pelo professor em questão exalta uma experiência que o mesmo viveu e que cabe à análise da segunda questão do questionário, que veremos mais para frente.

A segunda classe mais presente no questionário traz como compreensão do tema aspectos lúdicos como: brincar, criar, imaginar, músicas, jogos e conhecimento. As brincadeiras são as formas mais originais que a criança tem de se relacionar e de se apropriar do mundo. É brincando que ela se relaciona com as pessoas e objetos ao seu redor, aprendendo o tempo todo com as experiências que pode ter. São essas vivências, na interação com as pessoas de seu grupo social, que possibilitam a apropriação da realidade, da vida e toda sua plenitude. Kishimoto (1996) explica que por ser uma ação iniciada e mantida pela criança, a brincadeira possibilita a busca de meios, pela exploração ainda que desordenada, e exerce papel fundamental na construção de saber fazer. Um dos exemplos que posso citar na minha experiência dentro da sala de aula é a utilização do lúdico através das músicas. Quando cantamos aquelas canções clássicas da Educação Infantil como “Cabeça, ombro, joelho e pé”, estamos utilizando da ludicidade presente na música para ensinar a criança sobre o corpo humano, os nomes de cada parte, sua extensão, os membros inferiores e superiores, mas tudo na sutileza de uma brincadeira.

A terceira classe mais presente no questionário traz como compreensão do tema, a definição do lúdico como interação com os outros, isso é, o lúdico como plataforma para socialização. Como vimos anteriormente, Vygotsky nos fala da importância da interação entre indivíduos e de como essa ação auxilia na aprendizagem. O lúdico pode ser compreendido pela própria ação de troca de experiências conjuntas em busca de seu desenvolvimento e dos que estão ao seu redor. Segundo PEREIRA (2002, p.90,92):

As atividades lúdicas não se restringem ao jogo e à brincadeira, mas incluem atividades que possibilitam momentos de alegria, entrega e

integração dos envolvidos. [...] Possibilita a quem as vivencia, momentos de encontro consigo e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, de resignificação, e percepção, momentos de auto conhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, momentos de vida, de expressividade.

Os jogos são uma ótima proposta pedagógica na sala de aula, porque proporcionam a relação entre parceiros e grupos, o que é um fator de avanço cognitivo, pois durante os jogos a criança estabelece decisões, conflita-se com seus adversários e reexamina seus conceitos. Em uma de minhas práticas docentes, no estágio que fiz na área da Educação Infantil, tive o prazer de ministrar aulas para crianças de cinco anos, onde um dos alunos era especial, ele era diagnosticado como autista. No desenvolver dos meses e das atividades percebi que os próprios alunos o ajudavam com suas dificuldades, ensinando-o a pintar, a escrever da forma mais correta, a ir ao banheiro, etc. Essa interação era rica e exigia paciência dos colegas, além do fato de que para ajudá-lo eles mesmos tinham que ter certeza do que estavam fazendo.

A próxima categoria, que em tudo tem a ver com a anterior, apresentada na tabela a seguir (Tabela 2), é constituída a partir da segunda questão do questionário aplicado: “Você considera que o lúdico no cotidiano escolar infantil facilita a aprendizagem do aluno? Se sim, porque?.

Tabela 2 – Categoria 2 – Compreensão do lúdico como facilitador de aprendizagem

CLASSES	RESPOSTAS	OCORRÊNCIAS
Processo de aprendizagem	Ação prazerosa Criatividade Reflexão Conhecimento Autonomia	8
Relação com os outros	Com outras crianças Relação professor e aluno Forma de comunicação	5

Todos os participantes do questionário afirmaram que sim, eles consideram o lúdico como facilitador de aprendizagem. Conforme as respostas dos professores, vemos que a primeira classe que mais se destaca na categoria relacionada é acerca do processo de aprendizagem. O lúdico foi considerado um facilitador de

aprendizagem por possuir algumas características que são próprias dele, como: ação prazerosa, criatividade, reflexão, conhecimento e autonomia. Podemos ver essas características no discurso de Kishimoto (1996):

As brincadeiras permitem que a criança desenvolva capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação, além de favorecer a socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.

Destaque-se também a resposta de um dos sujeitos entrevistados, quando ele diz:

P1 – A criança está em um processo de aprendizagem muito delicado e importante para sua vida. Quando ela relaciona o aprender ao prazer de brincar, a aprendizagem torna-se algo prazeroso e vicioso, em que a criança quer sempre buscar mais conhecimento.

É importante que seja reconhecido o fato da ludicidade unir prazer e necessidade, prazer, por ser uma atividade naturalmente infantil e criativa, e necessária, simplesmente porque através dos jogos e brincadeiras a criança reconhece seu “eu”, sua ansiedade, valores e preferências, como também proporciona aprendizagem e conhecimento. A metodologia lúdica faz com que a criança aprenda com prazer, alegria e entretenimento, sendo relevante ressaltar que a educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão. Segundo Vygotsky (1989), as brincadeiras usadas na situação escolar podem criar condições para a criança avançar no seu desenvolvimento cognitivo, porém elas precisam ser cuidadosamente planejadas pelo professor.

Além de muitos outros aspectos, o brincar desenvolve os músculos, a mente, a sociabilidade, a coordenação motora e além de tudo deixa qualquer criança feliz. Quando brincamos exercitamos nossas potencialidades, provocamos o funcionamento do pensamento, adquirimos conhecimento sem estresse ou medo, desenvolvemos a sociabilidade, cultivamos a sensibilidade, nos desenvolvemos intelectual, social e emocionalmente.

Em uma das minhas experiências durante o estágio supervisionado, propus uma atividade onde o tema era “Como são os animais?” (vide Anexo A). O objetivo

era o de abordar a característica de cada espécie. Sendo assim, organizei as crianças em grupos e expliquei a todos como era a pele e como se multiplicavam, que alguns tinham penas, outros escamas, que alguns colocavam ovos, outros nasciam do ventre da mãe, etc. Feito isso, entreguei para cada grupo desenhos de quatro animais, onde cada um representava uma espécie. Eles deviam completar aqueles animais conforme a explicação que eu havia dado de suas características. O primeiro grupo deixei com a imagem do pato, onde eles tinham que apenas colar o algodão em sua asa, o segundo grupo ficou com a imagem do peixe, pois eles teriam que colar várias lantejoulas. O terceiro grupo ficou com a imagem do sapo, pois eles teriam que ter a paciência de colar papel filme e por último, o quarto e último grupo ficou com a imagem do jacaré, pois eles teriam que colar pedaços de gravetos, o que era mais difícil e exigiria concentração. Essa foi uma atividade que planejei pensando em cada aluno, dentro do tema proposto e que tirei a conclusão de que fora mais fácil aprender as características dos animais utilizando o lúdico fazendo com que meus alunos tivessem contato com algo parecido com o real do que se fosse apenas em fotografias, ou apenas na teoria.

O lúdico atua como facilitador de aprendizagem pois a criança aprende brincando e como vimos nesse caso que citei, muitas vezes ele torna a aula mais “real” que as aulas tradicionais.

A segunda classe mais presente aborda o lúdico como facilitador de aprendizagem por ele ajudar na relação com o outro, seja com outras crianças ou com os próprios professores. Segundo Kishimoto (1993, p. 110):

Brincando [...] as crianças aprendem [...] a cooperar com os companheiros [...], a obedecer às regras do jogo [...], a respeitar os direitos dos outros [...], a acatar a autoridade [...], a assumir responsabilidades, aceitar penalidades que lhe são impostas [...], a dar oportunidades aos demais [...], enfim, a viver em sociedade.

O lúdico é um instrumento pedagógico, que se utilizado corretamente, pode ser de grande valor na prática educacional. Em uma de minhas experiências em sala de aula pude presenciar o poder da interação que o jogo traz. O tema da aula era “Onde vivem os animais?” (vide Anexo B) e eu havia feito um grande cartaz com vários habitats (rios, árvores, grama, tocas, mar, etc). Distribui imagens de diversos animais para grupos de alunos, que deveriam pensar coletivamente onde cada um deveria ser colocado e então ir até o painel e colar a tal imagem. Feito

isso, discuti cada imagem colada em cada lugar e foi muito interessante ver a defesa dos grupos acerca dos habitats. Eles realmente tinham discutido em grupo, quando um estava errado o outro tentava fazer ver por seu olhar. Essas crianças tinham “apenas cinco anos”, mas a tarefa em grupo os fez discutir, apresentar ideias, aceitar a opinião do outro, imaginar e entender qual o local para cada animal, reconhecer cada bicho e seu habitat, entre outras funções que uma simples atividade dentro da sala de aula trouxe para essas crianças.

No brincar com outras pessoas a criança aprende a viver socialmente, respeitando regras, cumprindo normas, esperando sua vez e interagindo de uma forma mais organizada. Por esse motivo o interagir com o outro se torna uma forma de facilitar a aprendizagem, porque há essa troca de opiniões, ideias e valores através da socialização.

A próxima categoria apresentada na Tabela a seguir (Tabela 3), é constituída a partir da terceira pergunta do questionário: “Você costuma trabalhar o lúdico no cotidiano escolar? Se sim, quais instrumentos você utiliza?”.

Tabela 3 – Categoria 3 – Utilização do lúdico pelos professores dentro do cotidiano escolar

CLASSES	RESPOSTAS	OCORRÊNCIAS
Jogos	Jogos coletivos Jogos individuais Jogos de desafios Jogos	7
Brincadeiras	Fantasia Brinquedos Competições Contação de histórias	6
Música	Músicas Danças Cantigas de roda	4
Outros	Diálogo Atividades livres Materiais coletivos (massinhas, tinta)	4

Todos os participantes do questionário afirmaram utilizar o lúdico no cotidiano escolar. Conforme as respostas dos professores, vemos que a primeira classe que mais se destaca na categoria relacionada é a utilização do mesmo

através de jogos. Como podemos ver na tabela acima, há vários tipos de jogos e a cada um cabe uma situação escolar, de acordo com a fase de cognição da criança.

Segundo Vygotsky (1991):

É na atividade de jogo que a criança desenvolve o seu conhecimento do mundo adulto e é também nela que surgem os primeiros sinais de uma capacidade especificamente humana, a capacidade de imaginar (...). Brincando a criança cria situações fictícias, transformando com algumas ações o significado de alguns objetos.

Por meio da brincadeira a criança envolve-se no jogo e sente a necessidade de partilhar com o outro. Ainda que em postura de adversário, a parceria é um estabelecimento de relação. Esta relação expõe as potencialidades dos participantes, afeta as emoções e põe à prova as aptidões testando limites. Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras. Brincando a criança torna-se operativa.

Para Kishimoto (1993), o jogo tradicional infantil tem a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social. Além disso, é preciso que os jogos contribuam para o desenvolvimento infantil, estimulando a criatividade das crianças, adaptando-os às condições de hoje.

Santos (2010), explica que o jogo, por si só, é repleto de motivação e desafio, e é isso que concorre para que ele seja de grande valia para a educação, pois a solução de problema, que é parte do jogo, mexe com as habilidades básicas, ajudando a desenvolver as habilidades superiores. O que vemos muitas vezes é que o aluno não precisa se esforçar para resolver tais problemas, uma vez que os pais ou até os próprios educadores se antecipam em resolver para eles.

Em uma das minhas experiências em sala de aula, havia planejado uma oficina de sucata, porém, apesar de haver mandado o comunicado para os pais durante uma semana, naquele dia muitos se esqueceram de levar o material necessário e conseqüentemente a turma não gostou da ideia da sucata. Por mais incrível que o trabalho com esse material seja, as crianças não se sentiram estimuladas. Porém, no mesmo dia havia combinado com a professora da turma de

me fantasiar da Minnie Mouse (vide anexo C) e interagir com as crianças. Após a tentativa frustrada da oficina de sucatas, fui ao banheiro, me troquei e me apresentei a turma como a Minnie Mouse. No início eles ficaram hesitantes, desconfiados e muitos diziam que eu era a Tia Paulinha vestida de Minnie. Nesse momento tive uma ideia e pedi para a professora da turma distrair os alunos enquanto executava meu plano, que foi o de ligar para, na época, meu namorado e pedir para ele fingir ser o Mickey quando retornasse a ligação. Feito isso, voltei para o pátio e desafiei as crianças. Falei que ia ligar para o Mickey para provar que eu era a ratinha mesmo e assim o fiz. Meu namorado já atendeu com uma voz engraçada e falando: Oi Minnie, como estão às coisas ai no Brasil?”. Nesse momento as crianças se transformaram, muitas levaram a mão na boca e começaram a ficar empolgadas. Ficamos um tempo falando no telefone, através do viva voz, onde meus alunos queriam fazer perguntas e interagir com o “Mickey”. Depois daquela ligação tudo mudou, passamos a tarde brincando e ao me despedir muitas choraram não acreditando que passaram a tarde ao lado da ratinha famosa da Disney.

O papel do educador é de justamente não deixar que o jogo seja somente um jogo, para isso é preciso planejar e saber que nem sempre seu objetivo será atingido, portanto é preciso ter uma carta na manga. A fantasia faz parte da vida da criança e da infância, portanto o educador precisa estar disposto a se envolver no mundo criativo do lúdico, vencendo seus próprios medos e barreiras.

A segunda classe mais presente é a que utiliza o lúdico no cotidiano escolar através de brincadeiras. Para Kishimoto (1996),

As brincadeiras permitem que a criança desenvolva capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação, além de favorecer a socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação e regras e papéis sociais.

A brincadeira é a forma mais original que a criança tem de se relacionar e de se apropriar do mundo, porque é brincando que ela se relaciona com as pessoas e os objetos ao seu redor, e aprende o tempo todo com as experiências que pode ter tornando tal ação um aliado da educação. É através dessas brincadeiras que a

criança desenvolverá traços importantes para a vida futura, mas os brinquedos em especial tem uma grande importância. Desde pequenos estamos acostumados com a presença desses objetos nas nossas vidas e eles tem grande valor, pois para a criança, o brinquedo é utilizado como o objeto transicional, que é aquele objeto que permitirá à criança tornar-se independente de sua mãe e com ele, ela descobrirá outro mundo.

Vygotsky (1991) afirma que não existem brincadeiras sem regras, partindo do princípio de que os pequenos se envolvem nas atividades de faz-de-conta para entender o mundo em que vivem. Para isso, usam a imaginação. Quando a criança finge que está dirigindo um carro, ela procura seguir regras de conduta social e de convivência. É uma forma de expandir sua compreensão sobre o mundo. Quando fiz estágio em uma escola de educação infantil presenciei um grupo de crianças que brincavam durante o recreio de dentista. Perguntei se algum deles tinha um membro na família que era dentista e uma das meninas afirmou que sua mãe trabalhava na área. A teoria do autor se adequa a situação, pois além de imitar um consultório odontológico, eles eram exigentes com as regras, então enquanto um fazia o papel de dentista e outro de paciente, uma terceira colega era a mãe do paciente que estava ali para acompanhá-lo.

Houve um empate entre duas classes que representam formas que o lúdico é utilizado pelos professores. Primeiramente vamos falar dele sendo abordado através de músicas, danças e cantigas de roda e conseqüentemente iremos nos referir ao lúdico sendo utilizado através de atividades livres, diálogos, intervenções e materiais coletivos.

Segundo Kishimoto (1993), as cantigas de roda proporcionam noção de conjunto à criança, que se vê integrada ao grupo, onde seu nome é valorizado, o que favorece o recolhimento do eu, da sua autoestima. A mesma autora ainda afirma que a origem e significado dos jogos tradicionais têm raízes folclóricas e através disso entendemos a influência da dança e da musicalidade nas brincadeiras infantis. Muitas das escolas de Educação Infantil usam a música e a dança ao longo do cotidiano escolar, desde o momento da entrada até o momento da saída. Quando fiz meu período de observação no estágio pude notar a musicalidade o tempo todo. Quando as crianças chegavam, elas corriam e dançavam ao som de uma música agitada, de repente ela era mudada para uma mais calma, onde as

crianças eram orientadas a sentar e se acalmar, pois seriam levadas para as salas de aula. Já na sala havia música e dança para lavar as mãos, escovar os dentes, para fazer fila e até para pedir atenção.

Em seus discursos, quando os entrevistados citaram atividades livres, diálogos, intervenções e utilização de materiais coletivos pode-se entender que essa é a parte em que a criança faz o que quer. Estamos falando da escola, um ambiente educacional onde cada ação do seu dia-a-dia é planejada. Os educadores expuseram que essa é a parte onde a criança pode interagir sem a intervenção de um adulto, mas que eles observam as atitudes de seus alunos para, caso necessário, organizarem uma atividade futura que trabalhe o que foi observado. Pickard (1975), fala que dos 3-4 anos aos 6-7 anos a fantasia é acrescentada à atividade física da criança e por isso concluímos que tais atividades são essenciais para o desenvolvimento social, imaginativo e criativo da criança, pois ali ela estará em um momento escolhido por ela. É quando a criança chama a amiga para brincar de boneca e ambas põem a boneca para mamar, pois para elas, aquilo é real, faz parte da fantasia e da atividade livre que escolheram vivenciar.

A quarta e última categoria apresentada na Tabela (Tabela 4) a seguir, é constituída a partir da última pergunta do questionário: “Tendo em vista sua experiência acadêmica/profissional, quais contribuições o lúdico pode trazer para a aprendizagem e para a vida da criança?”

Tabela 4 – Categoria 4 – Contribuições do lúdico para aprendizagem e vida da criança

CLASSES	RESPOSTAS	OCORRÊNCIAS
Subjetivas	Autoestima Emoções Vontades Interação com os demais Valores sociais Convivência em grupo	9
Cognitivas	Assimilação de informações Fixação do conteúdo Raciocínio	6

A primeira classe que mais se destaca nessa categoria é a de contribuições subjetivas, como: autoestima, emoções, vontades, interação com os demais, valores sociais e convivência em grupo.

O universo do lúdico envolve a criança, pois o brincar para ela é algo fundante em sua vida. Através dele ocorrem experiências inteligentes e reflexivas, praticadas com emoção e prazer. Através do brinquedo e da brincadeira acontecem as descobertas do outro e de si mesmo. A criança que brinca e que joga é exposta a um conjunto de emoções que ela precisa aprender a administrar. Segundo Ide (2008, p.96),

Há um aprendizado significativo associado à satisfação e ao êxito, sendo este a origem da autoestima. Quando esta aumenta, a ansiedade diminui, permitindo à criança participar das tarefas de aprendizagem com maior motivação.

Quando em situação de jogo ou brincadeira, há desafios que a criança precisa vencer, seja individualmente ou em grupo. Esse desafio faz com que ela venha a desenvolver características, avançando cognitivamente para os próximos desafios que também deverão ser superados. Bertoldo e Fruschel (1995) colocam que o ato de brincar é importante, é terapêutico, é prazeroso, e o prazer é ponto fundamental da essência do equilíbrio humano. Porém, não só de prazer são as brincadeiras, pois em muitas delas há o medo lúdico, que geralmente é estimulado por ações como cair, fugir e se defender. Para Vygotsky (1998), existem atividades que proporcionam um imenso prazer ao infante, como também existem jogos que se tornam desagradáveis a criança, caso esta não seja o vencedor, tornando-se, assim, uma fonte de desprazer. Portanto é importante que se estimule a cooperação entre as crianças no momento dos jogos competitivos.

Não é preciso ser um profissional da educação para presenciar situações de desprazer, basta estar perto de uma ou duas crianças e em questão de minutos ela acontecerá. Às vezes é o irmão que não deixou o outro brincar da sua forma, ou o menino que foi atingido pela bola em um jogo de queimada e até a menina que pulou na casa errada ao brincar de amarelinha e fora desclassificada. Essas são situações do cotidiano da vida de uma criança e a metodologia lúdica serve para ajuda-los a interagir e aprender a lidar com esses sentimentos.

A segunda classe que mais se destaca nessa categoria é a que se refere às contribuições cognitivas para a aprendizagem e vida da criança.

É preciso que o educador esteja preparado para propor atividades a seus alunos que os façam sentir desafiados, que os levem a sentir desejo de pensar, pois isso fará com que a criança desenvolva seu raciocínio. Segundo Vygotsky (1998),

É na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva. Na visão do autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras.

Em uma das minhas experiências durante o estágio supervisionado, onde o tema da aula era “O que comem os animais?” tive a oportunidade de fazer com as crianças uma brincadeira nova, que eles nunca tinham feito e que os forçou a usar o raciocínio. Primeiramente expliquei para a sala o que cada animal comia e porque eles preferiam aquele tipo de alimento (divisão entre os carnívoros e os herbívoros). Após a aula fomos para o pátio colocar em prática o que havíamos aprendido. Nomeei a brincadeira de “Pega-pega animal”, que funcionava basicamente dessa maneira: cada grupo representava uma figura e cada figura deveria fugir ou pegar apenas outra figura. O primeiro grupo era a grama (ou folhagens), o segundo era o grilo, o terceiro era o sapo, o quarto era a cobra e apenas um aluno era o ser humano. O objetivo da brincadeira era fazê-los entender como funciona a alimentação no reino animal, então os coloquei em roda e expliquei quem representava cada grupo teria que fugir daquele grupo da cadeia alimentar acima e pegar o grupo da cadeia alimentar abaixo, porém todos deveriam fugir do homem, pois ele era o único que se alimenta de todos os demais. No começo eles ficaram um pouco confusos, pois tinham que usar o raciocínio, mas com o passar da brincadeira, eles amaram. Em alguns momentos, pude observar que alguns paravam, olhavam para o lado, meio que tentando lembrar a lógica do jogo e aí continuavam a correr. Foi uma atividade que exigiu paciência por parte dos educadores e dos alunos, mas que os fez desenvolver o raciocínio lógico e a cognição. Portanto conclui-se que a criança é curiosa e imaginativa, está sempre

experimentando o mundo e precisa explorar todas as suas possibilidades. Ela adquire experiência brincando e por isso ela necessita ser desafiada a cada atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente estudo, concluiu-se que é fundamental que o lúdico seja aplicado no ambiente escolar como metodologia de trabalho que possibilita à criança a facilitação da aprendizagem. Pude perceber através de minhas pesquisas que o lúdico não somente facilita a aprendizagem, mas também a socialização e elementos como criatividade, imaginação e autonomia, fatores que foram citados inúmeras vezes ao longo da pesquisa.

Observei que esse método de trabalho é muito bem aceito e respeitado entre os educadores. Tal fato pode ser verificado a partir das respostas oferecidas pelos entrevistados, em que houve um consenso da importância e da necessidade do lúdico nas salas de aula da educação infantil.

Sugere-se que, apesar da aceitação da metodologia, é preciso aperfeiçoamento na área, para que os profissionais da educação não venham a cair no engano de introduzir jogos e brincadeiras sem objetivos pedagógicos claros. Nota-se que as atividades lúdicas mais utilizadas na sala de aula eram as de cunho imaginativo, fantasioso e interacional, como contação de história, cantigas de roda, musicalidade e os próprios jogos coletivos.

As pesquisas indicam que toda criança que brinca vive uma infância feliz, além de tornar-se um adulto muito mais equilibrado física e emocionalmente, ela conseguirá superar com mais facilidade, problemas que possam surgir no seu dia-a-dia. Conclui-se que as brincadeiras e as situações enfrentadas no cotidiano escolar irão ajudá-las a amadurecer emocionalmente e aprender uma forma de convivência mais rica.

Diante de todas essas constatações e mais as experiências que trago na minha bagagem, sinto a necessidade de reafirmar que o lúdico é uma excelente forma de trabalhar a aprendizagem na educação infantil, pois a criança aprende da forma natural: brincando.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ainda estou um pouco em dúvida sobre meu futuro profissional, pois paralelamente a minha formação como pedagoga, trabalho como fotógrafa. Creio que após me formar, dependendo de como as coisas estiverem, devo continuar com a fotografia e começar uma graduação na área. Tenho um carinho muito especial pela educação infantil, por isso penso em trabalhar em uma creche, mas essas são respostas que somente o tempo dirá. Pretendo ir como monitora no Acampamento dos Pumas e propiciar aos acampantes o que aprendi quando era menor, só que agora como monitora.

No momento meu grande objetivo é focar em fotografia de crianças e bebês, algo que tenho paixão de fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD N. A. S. **Fundamentos de metodologia: um guia para iniciação científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.

BERTOLDO, J. V. & FRUSCHEL, M. A. M. **Jogo, brinquedo e brincadeira: Uma revisão conceitual**. Oficina de Educação. 1995.

BRASIL. **Constituição (1998). Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/1996**. Brasília: Senado Federal, 1996.

CAMPOS, Maria Célia Rabello Malta. **A importância do jogo no processo de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=39>. Acesso no dia 15 de Julho de 2013.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica: para uso de estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

CRESCER, EDUCAR PARA. Beabá do Brasil. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/historia-educacao/>. Acesso no dia 15 de Setembro de 2013.

FRIEDMANN, A. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 4ª ed. São Paulo: Abrinq, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1986.

IDE, Sahda Marta. **Leitura, escrita e a deficiência mental**. Editora Memnon, 1993.

IDE, Sahda Marta. **O jogo e o fracasso escolar**. In: KISHIMOTO, Tisuko M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2008.

KISHIMOTO, Tizuco (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

KISHIMOTO, Tizuco M. **Jogos e brincadeiras na situação escolar**, 2004. In: CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida e FERREIRA DE LUCENA, Regina. *Jogos e brincadeiras na Educação Infantil*. São Paulo: Ed Papirus, 2004, p. 45.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais Infantil: O jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes 1993.

KISHIMOTO, Tizuco M. **O brincar e suas teorias**. SÃO PAULO: PIONEIR THOMSON Learning, 2002.

KISHIMOTO, Tizuco M. **O Jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MICHAELIS: **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MUCCHIELLI, R.: **O Questionário na Pesquisa Psicossocial**. Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 1979.

PEREIRA, Lucia Helena P. **Ludicidade: algumas reflexões**. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). **Ludicidade: o que é mesmo isso?** Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Gepel, 2002.

PIAGET, J. **A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e Representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PICKARD, Phyllis Marguerite. **A criança aprende brincando**. São Paulo: Ibrasa, 1975.

RICHARDSON, R. J.. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O brincar na escola. Metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Eu _____, RG, _____

CPF: _____ autorizo a pesquisadora **Paula Leon de Abreu**, estudante da Universidade de Brasília do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, cujo projeto de pesquisa é denominado “O Lúdico na Educação Infantil como facilitador de aprendizagem”, sob orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas no Questionário, do qual participo, por meio de respostas escritas, obedecendo aos critérios da ética de pesquisa, onde **está assegurado o total anonimato**.

Declaro-me ciente e concordo com o acima exposto.

Assinatura do Participante

_____/_____/_____

Data

Caso deseje obter o resultado da pesquisa: “O Lúdico na Educação Infantil como facilitador de aprendizagem”, por favor, entrar em contato pelo email a partir de janeiro de 2014.

paulinhaleon@gmail.com

Agradeço,

Paula Leon de Abreu

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

Solicito sua gentil contribuição respondendo este questionário.

“O Lúdico na Educação Infantil como facilitador de aprendizagem”

Caro professor,

Esse questionário tem a finalidade de identificar a influência do lúdico no processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, peço um pouco do seu tempo para responder essas questões. **Ressalto que toda informação será utilizada unicamente para realizar o estudo proposto em meu trabalho de conclusão de curso, preservando o sigilo das respostas dos participantes.**

Responsável pela pesquisa: Paula Leon de Abreu

- Estudante do curso de pedagogia.
- Orientada da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Contatos: paulinha_leon@hotmail.com ou (61) 9159-0053

Dados demográficos do Entrevistado:

- Gênero: F _____ M _____
- Idade: _____ anos
- Formação: _____
- Anos de atuação: _____
- Característica escola atual: Pública _____ Privada _____

1) O que é lúdico para você?

- 2) Você considera que o lúdico no cotidiano escolar da educação infantil facilita a aprendizagem do aluno? Se sim, porque?

- 3) Você costuma trabalhar o lúdico no cotidiano escolar? Se sim, quais instrumentos você utiliza?

- 4) Tendo em vista sua experiência acadêmica/profissional, quais contribuições o lúdico pode trazer para a aprendizagem e para a vida da criança?

Obrigada por sua atenção e colaboração!

ANEXOS

ANEXO A

**FOTO DA ATIVIDADE REALIZADA PELAS CRIANÇAS APÓS A
AULA “COMO SÃO OS ANIMAIS?”**



ANEXO B

FOTO DO PAINEL FEITO POR MIM PARA A AULA “ONDE VIVEM OS ANIMAIS?”



FOTO DO DIA EM QUE FUI VESTIDA DE MINNIE PARA A ESCOLA